



# cultur

Revista de Cultura e Turismo

*Artigo:*

## **REPRESENTAÇÃO DO TRIUNFO EUCARÍSTICO EM 2006: RELEVÂNCIAS PARA A COMUNIDADE DE OURO PRETO E PARA O TURISMO**

*Autor:*

Aryella Mascarenhas da Silva<sup>1</sup>

---

Copy right, 2007, CULTUR. Todos os direitos, inclusive de tradução, do conteúdo publicado pertencem a CULTUR - Revista de Cultura e Turismo. Permite-se citar parte de artigos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A reprodução total de artigos é proibida. Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es), que serão informados que a aprovação dos artigos implica na cessão imediata de direitos, sem ônus para a revista, que terá exclusividade de publicá-los em primeira mão. Em caso de dúvidas, consulte a redação: [revistacet@hotmail.com](mailto:revistacet@hotmail.com)

A CULTUR – Revista de Cultura e Turismo, é um periódico científico eletrônico, idealizado no Programa de Mestrado em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz. Com a missão de fomentar a produção científica e a disseminação de conhecimento multidisciplinar relacionados com Cultura, Turismo e áreas afins, objetivando a troca de informações, a reflexão e o debate, provendo assim o desenvolvimento social.

---

**CULTUR – Revista de Cultura e Turismo**

CULTUR, ano 03 – n. 02 – abril/2009

[www.uesc.br/revistas/culturaeturismo](http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo)

---

<sup>1</sup> Graduada em Turismo pela UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, especialista em Cultura e Arte Barroca pela mesma instituição. Pós-graduanda em Gestão de Empresas com Ênfase em Qualidade pela UFLA – Universidade Federal de Lavras. Professora do Curso de Turismo da FASB – Faculdade do Sul da Bahia. [aryellatur@hotmail.com](mailto:aryellatur@hotmail.com)

## RESUMO

O *Triunfo Eucarístico* se configurou como importante festividade de cunho político, religioso e social na época colonial brasileira. Esta pesquisa versa sobre a representação contemporânea desta festividade em Ouro Preto, Minas Gerais, em 2006 e busca compreender a relevância da remontagem de tal encenação para o turismo e para a comunidade. Para tanto, levou-se em consideração a influência da atividade turística em Ouro Preto e também o título que recebe de Patrimônio Cultural da Humanidade. A partir daí, foi possível inferir sobre as contradições, tensões e questionamentos que envolvem o turismo, a rotina da população local e a montagem de acontecimentos como este. Levando a compreender que o turismo, nem sempre contribui de forma positiva para a valorização da cultura de uma comunidade. Comunidade que ao idealizar aumentar suas divisas passa, mesmo que de forma inocente ou inconsciente, a transformar manifestações autênticas em um conjunto de simulacros.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Triunfo Eucarístico*; Ouro Preto; turismo; comunidade; espetacularização.

## ABSTRACT

The “Triunfo Eucarístico” had become an important political, religious and social celebration from the Brazilian colonial period. This present research has analyzed the contemporary representation of this celebration in Ouro Preto, Minas Gerais, in 2006 and it has sought to understand the importance of this staging to the tourism and community. For this it has taken in consideration the touristic influence in Ouro Preto and also the recognition of the city as Cultural Heritage of Humanity. From then on it has been possible to conclude about the contradictions, tensions and questionings that it has involved the tourism, the local population routine and events like that. It has allowed us to understand that sometimes the tourism has not contributed in a positive form to value the culture of the community. This community has tried to get some incomes with that, even if innocent or unconsciously, it has transformed an authentic expression in mere simulacrum.

**KEYWORDS:** *Triunfo Eucarístico*; Ouro Preto, tourism, community, spectacle.

## 1. INTRODUÇÃO

O termo Barroco já foi usado para designar a produção artística e cultural da Europa nos fins do século 16 até o primeiro quarto do século 18. Atualmente, o termo foge à simples definição de um estilo artístico, abrangendo, na verdade, uma definição mais ampla da realidade (CAMPOS, 2006).

O barroco, em uma definição bem mais articulada e complexa, passa a ser identificado também na música, na literatura, no teatro e mesmo na vida social passando a ter um valor de ‘categoria de pensamento’ (ÁVILA, 1975). Hansen alerta sobre o perigo de se colocar todo um período sob a denominação da etiqueta barroca, que:

É dispensável, quando se trabalha com os resíduos do XVII e ainda do XVIII - porque, ela mesma, enquanto etiqueta, generaliza critérios românticos, expressivos e psicológicos, dando-os como universais também para as práticas de representação do XVII e do XVIII (HANSEN, 1997, p. 19).

Além disso, ele critica as interpretações históricas dos estilos artísticos que os colocam em seqüência lógica e direta, em que o nascimento de novos valores artísticos se faz em oposição ou negação de toda a realização precedente.

Porém, pode-se associar ao período colonial acontecimentos históricos, religiosos, sociais, filosóficos e ideológicos, que acabou se tornando um estilo de vida. Fator importante da época era a maneira como se travestia de religiosidade a vida em seus aspectos mais cotidianos. As festividades do calendário litúrgico da Igreja eram marcadas por grande esplendor e suntuosidade, características ainda mais aparentes em comemorações marcadas pelo caráter extraordinário, como é o caso do *Triunfo Eucarístico*, realizadas no ano de 1733.

Numa visão menos mistificada, Hansen (2001) defende a idéia de que este festejo foi um macro signo complexo, composto por dispositivos retóricos e teológico-políticos, que representa, ordena e distribui hierarquicamente os grupos sociais no seu interior, de forma teatralizada. Sendo, então, uma representação da mesma sociedade que organiza e também participa de tal festa.

É importante, então, entender “festa” como um fator constitutivo de relações e modos de ação e comportamento, onde são traduzidas experiências, expectativas de futuro e imagens sociais. Local capaz de, conforme o contexto, diluir, cristalizar,

celebrar, ironizar, ritualizar ou sacralizar a experiência social dos grupos que a realizam (AMARAL, 1998). Além disso, é necessário perceber que o termo “representação” aplicado ao *Triunfo Eucarístico* significa um processo de produção simbólica, marcado pelo uso de alegorias e fusão da teologia com a política (HANSEN, 2001).

A procissão do *Triunfo Eucarístico*, que se configurou como grande espetáculo colonial e serviu como marco do apogeu do ouro nas Minas, foi representada no dia 27 de maio de 2006 na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais.

Para sua remontagem, uma equipe de artistas e outros profissionais trabalharam em parceria com a Prefeitura Municipal de Ouro Preto e a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo para garantir que o evento ocorresse com êxito e de acordo com a narrativa de Simão Ferreira Machado.

Narrativa esta apresentada em o “*Triunfo Eucharístico: exemplar da Chistande lusitana*” que foi reproduzido integralmente por Affonso Ávila (1967) no primeiro volume de “Resíduos Seiscentistas em Minas: Textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco”.

Ao analisar esta situação surgiram alguns questionamentos, tais como: qual a importância dessa remontagem para a atual comunidade de Ouro Preto? Quais motivos incentivaram a Prefeitura para a realização desse evento? Qual a importância do evento para a atividade turística? Tendo como objeto de estudo “A reencenação do *Triunfo Eucarístico* ocorrida em 2006 na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais”, busca-se responder estas questões acima colocadas.

Para tanto, buscou-se descrever de maneira sucinta o local e o momento que a festividade Triunfo Eucarístico ocorreu, para que se compreenda o sentido *original* de tal comemoração.

A partir daí, fica mais coerente avaliar se justifica ou não fazer uma reencenação deste evento nos dias atuais, e entender se esta festividade perde ou não seu valor de representação da sociedade, e se torna, simplesmente, mais um espetáculo para o turismo.

Portanto, a festa pode adquirir uma dupla importância: por sua dimensão cultural, no sentido de colocar em cena valores, projetos, arte e devoção de um grupo comunitário e como espetáculo, produto turístico capaz de trazer mudança econômica para a cidade.

Este trabalho consiste, então, em apresentar um novo tipo de discussão sobre o *Triunfo Eucarístico* já que seu objeto de estudo é a reencenação desta festa do século 18 nos dias atuais, onde está presente uma outra situação política e sócio-cultural.

A pesquisa, a partir dos referenciais expostos, se caracterizou por uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, tendo como objetivo conhecer os significados e a relevância da reencenação do *Triunfo Eucarístico*, ocorrida em 2006, para a população de Ouro Preto e também para o turismo na cidade.

A importância da pesquisa reside na reunião, sistematização e análise de dados para o conhecimento dos significados desta reencenação para a população de Ouro Preto e também para que se possam realizar eventos, onde não ocorra esvaziamento de sentido e carnavalização de festividades e cortejos, que foram importantes no seu tempo.

## 2. VILA RICA

A conformação estrutural da sociedade nas minas teve características singulares, conseqüência das motivações que determinaram o encontro das novas terras e o estabelecimento dos grupos.

Dentre estas motivações merece destaque as da Coroa Portuguesa que no final do século 17 e no início do século 18 estimulou a descoberta das minas, vendo nelas o meio de recuperar a prosperidade que o açúcar não mais lhes proporcionava.

Com isso, a sociedade das minas estava associada, pelo ouro, à idéia de riqueza. Mas na realidade esta não acontecia para todos. A busca de metais preciosos, sem o suporte de outras atividades, gerou falta de alimentos e uma inflação que atingiu toda Colônia.

Segundo Ávila:

O surgimento de maior número de aglomerados urbanos, decorrente da exploração de novas riquezas e do conseqüente crescimento demográfico, tornou o Setecentos colonial um período de grande movimentação da vida colonial, não só em seus aspectos de infra-estrutura econômica, mas igualmente na afirmação de valores fundamentais no quadro de aportações culturais trazidas pelo colonizador (ÁVILA, 1994, p.148).

Eram nestes núcleos urbanos coloniais que se concentravam as residências, os negócios e as festas comemorativas. Além disso, foi também nestes espaços que ocorreram manifestações culturais notáveis no campo das artes, das letras e da música.

As características culturais e urbanas da colônia, organizada em vilas e marcada pelo poder da Igreja aliada à magnificência da metrópole, contribui de forma decisiva para uma forma de expressão artístico-cultural e artesanal, mesclada pelo gosto artístico, como também pelo o estilo de vida diferenciado da população (BOSCHI,1988).

A preocupação de estabelecimento e manutenção de ambos os poderes nestas vilas traduziram-se, principalmente, pelo aparato de suas festas, nas quais a religião, intimamente ligada ao poder temporal, era vivenciada como *espetáculo* e buscava o despertar para a fé através da sensibilização dos sentidos (BRAGA, 2004).

### 3. FESTIVIDADES COLONIAIS

O caráter teatral da vivência religiosa nas festividades coloniais do século 18 se apresentava com a fusão, num mesmo espaço, da força de Estado e Igreja. Para Hansen (2001, p.737) “[...] a festa colonial não é só um conjunto ordenado de imagens, mas uma relação social entre participantes mediada por imagens”.

Eram acontecimentos únicos que serviam como válvulas de escape das tensões sociais geradas pela desigualdade entre as classes e grupos. Em muitos de seus aspectos, eram manifestações inversas do quadro social onde estavam inseridas, já que a riqueza, ostentada pelo ouro, não acontecia para todos, pois a maioria da população era composta por escravos e mestiços, formando, na verdade, uma sociedade hierarquicamente dividida e violenta.

Além disso, estas festas tinham uma função pedagógica de introduzir valores, construir e reforçar relações que ocorriam cotidianamente e serem valorizadas e rememoradas frequentemente. As festas do calendário litúrgico eram sempre marcadas por grande brilhantismo. Brilhantismo este que se tornou mais aparente e pomposo em festas que se realizaram uma única vez e estão incluídas como os maiores acontecimentos da vida colonial brasileira. São elas: o *Triunfo Eucarístico* (Vila Rica: 1733) e o *Áureo Trono Episcopal* (Mariana: 1748).

O que se percebe é que as festividades deste período eram uma “associação dos interesses real e religioso [...] uma encenação espetacular do poder” (TINHORÃO, 2000, p. 105). O que demonstra que essas comemorações do século 18, nas Minas, eram, de maneira geral, elementos constitutivos dos processos de hierarquia social e de dominação política.

### 3.1. TRIUNFO EUCARÍSTICO

As festividades que marcaram a inauguração da Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em 1733, tiveram como ponto principal a procissão de trasladação do Santíssimo Sacramento da Igreja de Nossa Senhora do Rosário para a nova Matriz do Pilar. Estas festividades não se reduziram ao desfile do dia 24 de maio, pois se iniciou um mês antes, com uma série de eventos anunciados por ruidosas convocações dos moradores da localidade para participarem da festa.

Tal acontecimento foi narrado por Simão Ferreira Machado no *Triunfo Eucarístico*, livro publicado em 1734, em Lisboa. No entanto, pouco se sabe sobre o mesmo, onde a única informação a seu respeito encontra-se na “página de rosto do opúsculo, isto é, que ele era ‘natural de Lisboa, e morador nas Minas’ (ÁVILA, 1967, p.295)”.

Furtado (2006, p.16) ressalta que:

No Triunfo Eucarístico, a plebe apareceu numa dança de turcos e cristãos e numa outra de romeiros. Seu papel, também inferior, a simbolizar os vencidos, era de abrir a procissão, seguido de um grupo de músicos, anunciando as figuras principais que viriam depois. Para estes, havia ainda a possibilidade de acompanhar a procissão depois que ela já tivesse passado, ou a ocorrência de alguns divertimentos paralelos, como danças ou cavalhadas reservadas para o seu divertimento. Na mesma festa, seguiram-se dias de cavalhadas, touros e comédias, assistidas pela “multidão” com “disposição e ordem em tudo”, isto é cada um ocupando o seu devido lugar hierarquicamente reservado.

Desta maneira, o festival do *Triunfo Eucarístico* que se realizou durante vários dias e sobre várias formas de conagração foi muito mais do que uma comemoração de inauguração da nova Matriz e de interiorização psicológica. Foi, na verdade, uma tradução do entusiasmo de uma sociedade opulenta e desigual, marcada pelo poder da Igreja Católica e da Coroa Portuguesa.

### 4. OURO PRETO: PATRIMÔNIO MUNDIAL

Minas crescia e, em 1720, tornou-se uma capitania autônoma, sendo a capital transferida para Vila Rica. Em 1823, Vila Rica virou Imperial Cidade de Ouro Preto. Em 1897, deixou de ser capital sucedida por Belo Horizonte, cidade criada e planejada para ser a nova capital do Estado.

Tendo sua importância drasticamente reduzida, Ouro Preto mostrava o abandono de suas velhas relíquias. Suas edificações coloniais ou de partido colonial e os seus equipamentos foram relegados ao abandono ou à destruição.

Em 12 de julho de 1933, em forma de Decreto, por reconhecimento do patrimônio cultural e pela necessidade de conservação, o município foi considerado Monumento Nacional.

Este Decreto acabou consagrando Ouro Preto como cidade altar da formação da identidade nacional, justamente por ser um lugar onde se realizaram grandes feitos históricos e que encontrou na figura de Tiradentes um símbolo heróico para o sentimento de nacionalidade, de nação brasileira (CAMARGO, 2002, p.84).

Com a presença destes elementos, Ouro Preto se constitui de uma representação perfeita para os propósitos do Estado após a revolução de 30, particularmente à ditadura imposta pelo Estado Novo de Vargas. Camargo (2002, p.84) coloca, então que “os apelos freqüentes à tradição, à ordem, aos sentimentos religiosos, ao conservadorismo, são elementos manipulados politicamente”.

Com isso, em 1938, a cidade foi tombada pelo IPHAN, sendo esta uma das medidas da política implantada pelo Governo Vargas para transformar o patrimônio em atrativo turístico, propiciando a Ouro Preto um meio de crescimento econômico.

Deve-se lembrar que, apesar dos trabalhadores brasileiros já terem descanso semanais remunerados e férias, as distâncias e a pouca opção de transporte não facilitavam o turismo. Com isso, o patrimônio cultural, eleito e construído pela elite política e intelectual da época, continuou sendo um atrativo turístico para o próprio grupo dominante e defensor daquela nacionalidade.

Para a maioria dos brasileiros, a cidade continuou sendo apenas um instrumento de pregação cívica nas escolas, um eco dos grandes feitos históricos, da ordem, do sentimento religioso dos brasileiros, entre outros.

Em 1980, foi classificada como Patrimônio Cultural da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e passou a fazer parte de um pretense acervo comum dos povos. Sobre ela foram atribuídos vários discursos que procuravam e pretendiam caracterizar e classificar o chamado acervo nacional.

Fonseca (2003,p.170) defende que Ouro Preto representa um palco de opressão, poder, luxúria e manifestações/expressões artísticas, políticas e religiosas do século 18, por isso fazer referência à identidade é poder considerar elementos culturais modificados e transformados.

No entanto, há de se considerar que a população ouropretana apresentava várias faces e tentar classificá-la como representação de luxúria e riqueza é não considerar a verdadeira realidade econômica e social da época.

Como aponta Mello e Souza (1986, p.42) “a riqueza era enganadora – apanágio de poucos, consagrada pela ritualização barroca da opulência, filha da fome de muitos e escamoteada, através dos tempos, pelo tema da decadência”.

Ouro Preto, com isso, acaba oferecendo uma série de atrativos ao turista de forma desordenada por apresentar valores e sentidos diferentes para a comunidade local que diferem das expectativas dos turistas. Com isso, Ouro Preto e seus atrativos, como povoados históricos, artesanato, gastronomia, natureza, religiosidade, arquitetura, paisagens e hospitalidade tem sentidos diferentes para os moradores ouropretanos.

#### **4.1. A REPRESENTAÇÃO CONTEMPORÂNEA DO *TRIUNFO EUCARÍSTICO* PARA A COMUNIDADE OUROPRETANA E PARA O TURISMO**

A representação do *Triunfo Eucarístico*, ocorrida em 2006, não teve o mesmo significado político e religioso do século 18, mas nem por isso pode ser considerada como um evento irrelevante, já que de certa maneira atingiu tanto a comunidade de Ouro Preto, como também os turistas que visitavam a cidade.

Para Fonseca (2007, p.1)

As festas religiosas sempre desempenharam um importante papel em toda a constituição da conjuntura histórica do Brasil. Elas atraíam os fiéis com maior frequência às cidades e, ao mesmo tempo, estabeleciam conexões entre os diferentes ramos da sociedade da época. Além destes fatores, as festas representam um importante elo entre o presente e a memória: ao expressar de forma lúdica e simbólica algo que faz parte do espírito, mas está distante no tempo ou no espaço, a festa vivifica tradições, crenças e acontecimentos importantes, que, de outra forma, cairiam no esquecimento.

Partindo desta premissa, o espetáculo do *Triunfo Eucarístico*, nos dias atuais, configurou-se como uma atividade educacional que buscou revelar significados e valores. No entanto, há de se considerar que Ouro Preto é uma cidade multifacetada,

com classes e grupos diferenciados que interpretam tal manifestação de forma diferenciada, considerando seus princípios, ideologias e vivências.

É necessário ainda tentar entender o homem e este seu “espírito”, ou seja, suas práticas sociais de maneira linear, pode-se fazer interpretações anacrônicas, fora do tempo de uma cultura ou de uma realidade passada. Isso porque manifestações culturais “que se prendem as necessidades estruturais do psiquismo do homem enquanto ser social e que lhe podem ser inerentes poderão ser análogas às contemporâneas, considerando a variabilidade espaço-tempo” (CAMARGO, 2001, p.43).

Para Lópes (2001), a comunidade local, a partir da lembrança cultural e herança cerimonial que seus antepassados deixaram, vinculam-se à tradição, evocando preceitos morais e uma visão de seu mundo social, sendo esta uma oportunidade de encontro de seus valores e identidade, mediante a reverência aos fatos que marcaram a sociedade colonial.

Identidade esta defendida pelas classes dominantes, desde a época do tombamento de Ouro Preto, ou seja, as que valorizam a cidade enquanto símbolo da nação brasileira, enquanto local de realização de grandes feitos históricos.

Em entrevista ao jornal *Estado de Minas*, a moradora Anna Grammont falou que “participar do Triunfo é a oportunidade de fazer a releitura de uma época e resgatar uma tradição da cidade onde nasci. Esta festa dá uma enorme contribuição para a vida religiosa e artística de Minas” (Estado de Minas, 28 maio 2006).

Para Judith Andrade (2008), também moradora de Ouro Preto:

A reedição do Triunfo Eucarístico teve um significado especial. Houve uma louvação especial ao Santíssimo naquele dia. A emoção era visível nos rostos e nas preces. A cidade recebeu muitos visitantes curiosos em ver aquela procissão profana que animou a sociedade há mais de dois séculos. As encenações durante o curto trajeto duraram horas e deixaram as pessoas boquiabertas. Nas escolas estudou-se o Triunfo durante o período que antecedeu a procissão e muitas crianças e adolescentes se ofereceram para representar as figuras e o fizeram de forma contrita e respeitosa. Através da animação delas muitos pais tomaram conhecimento e consciência da importância daquele fato histórico.

Para Padre Simões, a reencenação destaca aspectos educativos “porque mostra às gerações atuais a força histórica de Ouro Preto e ressalta o seu conteúdo espiritual, já que nossa fé se emociona coma inspiração da arte” (O INCONFIDENTE, 2006).

O forte apelo turístico que é peculiar às festas, especialmente quando elas apresentam particularidades regionais ou mitos religiosos têm se mostrado capaz de gerar grandes divisas, fazendo com que este tipo de evento adquira grande importância por sua dimensão cultural (no sentido de colocar em cena valores, projetos, arte e devoção da população local) e, também, como espetáculo e produto turístico (AMARAL, 1998).

O que pode ser comprovado com a fala de Andrew Booth, que visitou Ouro Preto no dia da encenação em 2006, em entrevista ao *Estado de Minas*:

Gosto de conhecer a história e a tradição de uma comunidade. Trouxe até papel e lápis para desenhar as figuras mais bonitas. Não me lembro de ter visto uma festa tão bem montada quanto esta em nenhum lugar do Brasil (Estado de Minas, 28 maio 2006).

Para os turistas, reviver o *Triunfo Eucarístico*, nos tempos contemporâneos, pode significar uma aproximação com a cultura dos nativos. Obviamente, este evento também pode significar para os visitantes muito menos que isso, sendo simplesmente um espetáculo para fotografar e transformar-se em *souvenir* de viagem a uma “cidade histórica mineira”.

O que se percebe é que, amparada neste título de representante da identidade nacional, Ouro Preto vai sendo vendida para turistas e, acontecimentos históricos como o Triunfo Eucarístico, perdem o sentido de uma representação da sociedade de uma época, marcada pelo domínio da Coroa portuguesa e Igreja católica, para se transformar em espetáculo cultural contemporâneo para o turismo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No século 18, existia uma grande preocupação de estabelecimento e manutenção do poder da Igreja e da Coroa Portuguesa na região das Minas que se traduziram, sobremaneira, pelo aparato de suas festas, nas quais a religião, intimamente ligada ao poder temporal, era vivenciada como espetáculo.

Neste sentido, é necessário entender por espetáculo, um tipo de manifestação marcada pela inversão de valores, onde a sociedade mostrada é idealizada e não condiz com a verdadeira formação social da época. Uma destas festas, com sentido espetacular, foi o *Triunfo Eucarístico*, realizado em 1733, que acabou se tornando um marco da sociedade colonial mineira.

Um cortejo que procurou imitar aquela festa do século 18 foi remontada no dia 27 de maio de 2006 em Ouro Preto (MG) com o objetivo de ser, segundo o prefeito e idealizador da festa, Ângelo Oswaldo, um instrumento de educação patrimonial, uma oportunidade para a comunidade ouropretana conhecer e reviver a sua história, uma maneira de encontrar seus valores e identidade mediante a reverência aos fatos passados que marcaram a história daquele local.

Mas, na verdade, o que ocorreu foi o esvaziamento de sentido de tal manifestação já que todo o aparato e toda a importância político-religiosa do cortejo, assistido nos dias de hoje por um público que vivencia outros valores morais e atitudes sócio-culturais, se reduziu a um simples desfile alegórico-carnavalesco.

E, como consequência disto, a comunidade ouropretana - que estava envolvida no processo de montagem e/ou foi convencida da importância deste evento e esteve presente durante sua realização - tornou-se também, mesmo que de maneira imperceptível, parte desta encenação, monumentos caricaturais vivos, compondo junto com o conjunto arquitetônico o cenário que remontasse o século 18.

Com isso, a utilização de manifestações culturais de uma época, como produto turístico deve ser observado com cuidado. O processo de espetacularização de eventos culturais com valor histórico, político e religioso, como é o caso do *Triunfo Eucarístico*, avaliado como meio de geração de divisas, pode significar um processo de aculturação, ou seja, a perda do valor deste momento histórico ou mesmo tradições inventadas.

A montagem do *Triunfo* pode ser encarada como uma “autenticidade encenada”, ou seja, uma farsa, um momento que confunde turistas e até mesmo os expectadores locais. E talvez, para os turistas, grande público que o governo municipal pretende alcançar, o Patrimônio Histórico de Ouro Preto continuarão sendo os monumentos e objetos de valor artístico e histórico reconhecidos por órgãos como a UNESCO e o IPHAN, e não os que são valorizados por aquilo que julgamos ser a sua comunidade.

## REFERÊNCIAS

ÁVILA, A. *Resíduos Seiscentistas em Minas: Textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco*. v.1. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1967.

\_\_\_\_\_. *Pequena iniciação ao Barroco Mineiro*. In: Revista Barroco, v.7. Ouro Preto: UFMG, 9º Festival de Inverno de Ouro Preto, 1975.

\_\_\_\_\_. *O lúdico e as projeções do mundo barroco: uma linguagem a das cortes, uma consciência a dos lucos*. 3. ed. rev. São Paulo: Perspectiva, 1994. (Coleção Debates: Arte).

AMARAL, R. *Festa à brasileira: significados do festejar, no país que “não é sério”*. 1998. 380 f.. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ANDRADE, Judith. Resposta para a pergunta “Qual a importância da encenação do *Triunfo Eucarístico* para a comunidade ouropretana e para o turismo?” [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: Aryella Mascarenhas (aryellatur@hotmail.com). Em dois de maio de 2008.

BOSCHI, C. *O Barroco Mineiro: artes e trabalho*. Coleção tudo é história, nº 123. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRAGA, C. *Entre ritos e festas: a reatualização do barroco na região das Minas Gerais – Brasil*. In: Actas del III Congreso Internacional del Barroco Iberoamericano; 2004, Sevilla; ES. Disponível em < <http://www.upo.es> >. Acesso em 3 de outubro de 2006.

CAMARGO, H.L. *Patrimônio Histórico e Cultural*. São Paulo: Aleph, 2002. (Coleção ABC do Turismo).

\_\_\_\_\_. Fundamentos multidisciplinares do turismo: história. In: Turismo: Como aprender, como ensinar. v.1. p.33-85. São Paulo, SENAC: 2001.

CAMPOS, A.A. *Introdução ao Barroco Mineiro: cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.

ESTADO DE MINAS. *Roteiros de Fé em Minas*. Belo Horizonte, 23 maio 2006. Caderno Turismo, p.2.

FONSECA, M. M. *Turismo histórico-cultural em Ouro Preto: sentidos simbólicos e configuração de identidades no século XX*. In: Miguel Bahl. (Org.). Turismo: enfoques teóricos e práticos. São Paulo: Roca, 2003, p. 157-177.

FURTADO, J. *Desfilar: a procissão barroca*. Disponível em: < <http://www.fafich.ufmg.br> > Acesso em: 03 de outubro de 2006.

HANSEN, J.A.1997. Notas sobre o Barroco. p.11-20. *Revista do IFAC* – Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, n/4, dez 1997. Ouro Preto: Ed.da UFOP, 1997.

\_\_\_\_\_. A categoria “representação” nas festas coloniais dos séculos XVII e XVIII  
In: *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*, vol.1. JANCSÓ, I.  
KANTOR, I. (orgs) – São Paulo. Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo:  
Fapesp: Imprensa Oficial, 2001 – (Coleção Estudante USP – Brasil 500; v.3), p. 735-  
755.

JANCSÓ, I. KANTOR, I. (orgs). *Festa: Cultura e Sociabilidade na América  
Portuguesa*, vol.1. – São Paulo. Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp:  
Imprensa Oficial, 2001 – (Coleção Estudante USP – Brasil 500; v.3)

LÓPES, T. Fragmentando os roteiros turísticos sobre Ouro Preto. In: JR. BANDUCCI,  
A. BARRETTO, M.(orgs). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*.  
Campinas: Papirus, 2001.], p. 65-88.

JR. BANDUCCI, A. BARRETTO, M.(orgs) *Turismo e identidade local: uma visão  
antropológica*. Campinas: Papirus, 2001.

MELLO E SOUZA, L. *Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*.  
Rio de Janeiro: Graal, 1986. (Biblioteca de História; v.8)

O INCONFIDENTE. *Ouro Preto revive Triunfo Eucarístico*. Ouro Preto, maio 2006.

SANTOS, A.O.A. *Prefeito Ângelo Oswaldo*. Ouro Preto, 2006. Entrevista concedida a  
Aryella Mascarenhas da Silva em sete de agosto de 2006.

TINHORÃO, J.R. *As festas do Brasil Colonial*. São Paulo: Ed.34, 2000.

---

**Recebido: Agosto de 2008**

**Avaliado: Setembro de 2008**

**Aprovado: Indicado como um dos melhores trabalhos do II Seminário de Pesquisa  
em Cultura e Turismo - Novembro de 2008**